

LAVAJATISMO

A eleição do genocida corrupto para o Palhaço do Planalto foi a cereja no bolo do lavajatismo, essa mistura destrutiva de udenismo fanático com messianismo que rejeita a arte da política como a forma para encontrar soluções pacíficas para a convivência entre os cidadãos numa democracia. Esse termo horroroso – lavajatismo - que, segundo o Supremo Tribunal Federal, levou um juiz corrupto e parcial ao “Ministério da Justiça”, tornou-se sinônimo da destruição de um país já tão desigual, assolado por hordas de extremistas lunáticos de extrema-direita, donos do dinheiro grosso, políticos corruptos e outros pilantras aproveitadores de plantão.

No antigo bairro onde vivo, próximo ao centro de Franca, abriram um pequeno negócio de lava-Jato. Após dezesseis meses de pandemia com pouquíssimo uso, o pó se acumulava e cheguei à conclusão que meu automóvel precisava de uma limpeza. O sujeito marcou através de aplicativo para as 8 horas da manhã e pontualmente lá fui eu, a besta que acredita em horários britânicos. Sob um frio glacial, um funcionário da empresa tiritava ao relento aguardando na porta. Fiquei ali alguns minutos e como o rapaz disse que o chefe geralmente não se atrasava, fui caminhar nas imediações e enviei mensagem se abriria o boteco. Às 8h30, após caminhar um pouco pelo bairro, verifiquei que o local continuava fechado. A mensagem havia sido lida mas não havia resposta.

Às 9h, após caminhar um pouco mais e sem retorno, resolvi buscar o carro, quando encontrei o sujeito iniciando o trabalho. Sem que eu perguntasse nada, foi logo dizendo: “O senhor vai querer lavar? Se não quiser pode levar, eu que não ia perder a vacina pra lavar carro dos outros”. Respondi apenas que podia ter me avisado, pois se marcou às 8h e sabia na véspera que iria pra fila da vacina poderia ter marcado outro horário. Sem meias palavras, o sujeito respondeu: “Aprendi com esse negócio que tem gente de todo tipo. Tem cliente que marca e não traz o carro e quando ligo pra saber, acha ruim. Sou funcionário, o negócio não é meu. É assim ou pode levar o carro.” Ou seja, o sujeito não tem obrigações com os compromissos assumidos, apenas consigo mesmo. É a vitória do individualismo egocêntrico sobre o contrato social.

Aprendi a lição. Num país onde o lavajatismo tem força mesmo com patronos medíocres como Moro e aquele moleque do power point, não se pode confiar na justiça num país com as relações humanas ainda mais esgarçadas pela pandemia, menos ainda nos acordos de fio de bigode. O lavajatismo, assim como o bolsonarismo, está entranhado nas relações sociais. Como disse Luiz Felipe Miguel, “Pode ser miliciano, genocida, defensor da tortura, nostálgico da ditadura. Pode ser burro e despreparado. Pode liquidar os direitos, destruir o serviço público, afundar a economia, entregar o país. Pode fazer o povo passar fome. Pode ser racista, misógino e homofóbico, mas a chapa esquenta quando aparece a roubalheira”. Mas, assim como não voltarei ao pequeno lava-jato do bairro, a sociedade começa a reagir ao faroeste em que se tornou esse imenso Cocalzinho, como diria Ivan Lessa se vivo fosse. Fora Bolsonaro.

Mauro Ferreira é arquiteto